

## Qual o tempo da felicidade?

what is the time of happiness?

**Michelle Ferraz**

[ferrazdi@gmail.com](mailto:ferrazdi@gmail.com)

Doutoranda pelo departamento de Ciências  
Sociais da PUC-Rio.

### Resumo

A proposta desse artigo é abordar o tema da felicidade a partir de um recorte teórico que se inicia na Antiguidade Clássica, passa pela filosofia medieval e chega na modernidade com o intuito de tentar responder à pergunta que está no título: Afinal, qual o tempo da felicidade?

Palavras chave: felicidade, virtude, cidade, sociedade da transparência.

### Abstract

The purpose of this article is to approach the theme of happiness from a theoretical perspective that begins in Classical Antiquity, passes through medieval philosophy, and arrives in modernity in order to try to answer the question that is in the title: After all, what is the time of happiness?

Keywords: happiness, virtue, city, society of transparency.

## Prólogo

Quando eu era pequena acreditava que a felicidade estava na vida adulta, por isso comemorava, com muita alegria, cada aniversário. Exibia radiante o número de dedos das mãos que correspondiam a minha idade. Na minha lógica, assim que completasse, em idade, todos os dedos dos pés e das mãos seria feliz para sempre como nos finais dos contos de fada que me ajudaram a construir essa ideia.

A meu ver, a vida dos adultos era o suprasumo da felicidade. Uma vida com regras sim, mas regras definidas por eles mesmos, com possibilidade de dirigir um carro, trabalhar, sem escola, sem cópias no caderno, sem provas, sem fígado com beterraba. Era um horizonte encantador que poderia ser sintetizado em uma única palavra: liberdade. Como não fui uma criança muito prolixa não usava esse conceito (liberdade), em seu lugar, costumava usar a frase: “fazer o que eu quiser”. Esse era o meu ideal de felicidade: crescer para fazer o que eu quisesse.

O tempo é impiedoso, porém didático, antes de completar em idade os dedos das mãos e de um dos pés, passei a entender que o simples ato de crescer não era um caminho retilíneo para a felicidade, havia uma “chave” para a felicidade e ela poderia antecipar ou retardar a conquista final. Essa chave era o dinheiro. Não adiantava chegar à vida adulta sem conquistar a independência financeira. Como não fui uma jovem prolixa, no lugar de independência financeira eu usava o termo “ter grana”. Desse modo, eu entendia que para ser feliz, eu precisava crescer e “ter grana”, de preferência simultaneamente.

Aos dezoito anos veio o desespero. Faltavam apenas dois dedos dos pés para atingir meu prazo de conquista da felicidade, e eu estava muito, mas muito longe da felicidade. Sou capaz de assegurar que estava vivendo um dos momentos mais infelizes da minha vida. Sentada em uma sala de aula, no último ano do Ensino médio, com todos os hormônios e chakras desalinhados, era sistematicamente coagida por todos que estavam ao meu redor, desde o ciclo familiar mais íntimo, passando por professores e senhoras desconhecidas, porém curiosas, que se sentavam ao meu lado no ônibus no caminho da escola para casa, a escolher uma universidade, um curso, um futuro.

O que eu queria de verdade, o que eu gostava, as minhas dúvidas, as minhas angústias não eram relevantes. O que importava era a universidade, o curso e as credenciais. A pressão sobre a necessidade de pensar o futuro fez meu ideal de felicidade sofrer alterações. A felicidade continuou no futuro, porém em um futuro mais calmo. Agora a felicidade era o mesmo que ausência de pressão, a não necessidade de escolhas urgentes e definidoras, uma

vida mais simples, o contato com a terra, a contemplação dos dias e das noites. Felicidade era uma angustiante impossibilidade a ser vivida, era o mesmo que fuga, era uma sociedade alternativa em Mauá.

A universidade aconteceu na minha vida e nunca estive em Mauá. Nos primeiros meses na universidade, cheguei a pensar que, talvez, a felicidade residisse ali, no presente, no bate papo com os novos amigos, na experiência da autonomia, nas ideias para mudar o mundo. No entanto, na primeira sequência de provas e trabalhos, desisti dessa hipótese e comecei a sentir, cada dia mais forte, uma tremenda saudade da infância, uma saudade genuína do passado. Será que aqueles dias foram os verdadeiros dias de felicidade? Será que a felicidade mora no passado e não no futuro como imaginava? Ou será que a felicidade está no presente, no agora? A felicidade está no hoje, no ontem ou no amanhã? Afinal, qual o tempo da felicidade?

## Introdução

O conceito de felicidade não está apaziguado. Diferentes áreas do conhecimento se esforçam para definir, mensurar e controlar esse tema. Embora diverjam sobre a definição, concordam com a importância, e por meio de suas teorias, contribuem com a ampliação do campo de debate.

Diante do entendimento sobre essa “disputa” pelo conceito de felicidade, optamos pela realização de uma reflexão a partir de uma perspectiva diferente para tratar do tema. Por meio de um recorte específico, buscamos a compreensão da experiência da felicidade com relação ao tempo: presente, passado e futuro.

Deste modo, propomos uma reflexão sobre o momento em que alguns estudiosos apontaram como o momento da experiência real da felicidade. Para alguns, ela acontece no presente, na ação cotidiana permeada pelo diálogo com o outro, e na preocupação com o bem comum, para outros ela é um horizonte localizado, inclusive em outro plano existencial, existem ainda aqueles que elaboram a ideia de que a felicidade é uma dádiva exclusiva para poucos ou ainda aqueles que dissertam sobre uma felicidade plena e acessível para qualquer um, de acordo com a busca pelo prazer efêmero.

A proposta desse texto é abordar o tema da felicidade a partir de um recorte teórico que será guiado pela seguinte pergunta: qual o tempo da felicidade?

## A felicidade dos heróis: o passado eternizado

Os gregos pré-socráticos acreditavam que a felicidade era algo exclusivo para um grupo seleto de pessoas: os amados pelos deuses.

Heródoto conta em sua obra “*Historíai*” que um sábio chamado Sólon foi convidado para um banquete de quatro dias no palácio do rei Creso na Lydia. Creso tinha um poder inigualável e ouro em abundância. Em certo momento do banquete, ele perguntou para o sábio se havia visto alguém tão feliz quanto ele. Eis que o sábio responde que sim, e que o homem mais feliz que ele já viu, foi um ateniense chamado Telo, um pai de família que gozava de certa honra e morreu defendendo sua cidade da invasão dos Eleusis. O rei Creso não gostou do que ouviu, e cheio de fúria e vaidade, perguntou à Sólon então quem seria o segundo homem mais feliz e novamente não ouviu seu nome como resposta.

Sólon explica ao rei que a felicidade não depende da vontade dos homens nem das riquezas materiais, mas da vontade dos deuses, da sorte e da virtude, e conclui que só é possível julgar a felicidade de alguém depois de sua morte.

A lição transmitida por Heródoto nessa passagem indica que a felicidade no tempo presente é frágil e provisória, pois nem todo poder e riqueza podem proteger o homem dos infortúnios. Por isso, o veredicto sobre a felicidade só acontece depois da morte, após contabilizar seus feitos em vida, ou seja, seu passado.

Nessa concepção, somente são dignos da felicidade aqueles que tiveram uma vida virtuosa e uma morte gloriosa, em outras palavras, a felicidade pertencia apenas àqueles que tornaram seus feitos e sua morte dignos da memória coletiva. E quem eram os memoráveis? Os heróis.

A frase atribuída ao dramaturgo ateniense Manandro: “Quem os deuses amam morre jovem” (*hòn hoi theoi philoûsin apothnêskei néos*) nos ajuda a entender o argumento de Heródoto, pois a felicidade era a coroação de uma vida virtuosa com uma morte prematura e trágica em nome de uma causa que servisse como exemplo para os demais. Deste modo, entendemos que um amado pelos deuses era alguém com um passado digno da eternidade e esse era o tempo da felicidade.

### **A felicidade dos cidadãos: o presente da ação**

A felicidade exclusiva aos heróis foi perdendo seu lugar com o advento da democracia grega. O novo regime de organização política dá aos indivíduos o poder de participar das decisões sobre os assuntos da cidade e uma nova configuração social passa a se formar: os palácios perderam seu destaque para a Ágora, o poder dos reis é reduzido pela assembleia e o

súdito dá lugar ao cidadão. De acordo com Silva (2007, p.15) “Tais procedimentos acarretaram a substituição das virtudes heroicas pelo que poderíamos chamar de virtudes cívicas: no lugar do herói que se distinguia pela coragem, estirpe e poder, o cidadão que partilhava com seus iguais o direito de decidir acerca do bem da cidade”.

E a felicidade? Nesse contexto a felicidade acontece no presente. A felicidade é a própria ação no espaço público, que se configura na participação nos debates, na opinião dita em voz alta, na escolha livre, na isonomia. Ninguém precisa ser amado pelos deuses para ser digno da felicidade, pois ela está diante dos olhos de todos que habitam a cidade. Nesse momento, é importante pontuar que embora a felicidade não fosse mais uma exclusividade dos heróis, ela também não estava acessível para todos. Isso ocorre, porque a participação na vida pública só estava franqueada àqueles que eram considerados cidadãos, ou seja, os homens livres, com posses e nascidos na cidade de Atenas. Se antes, apenas os heróis eram felizes, agora somente os cidadãos o são.

A participação pública em assembleias, o debate em prol do bem comum na cidade é a virtude cívica e Sócrates foi o maior defensor dessa virtude como o caminho da felicidade. Para ele, a felicidade não era medida ao final da vida nem pelas conquistas e riquezas, mas no compromisso diário com o diálogo, com o conhecimento e com a busca pela Verdade, deste modo podemos dizer que, para Sócrates, a felicidade estava nas atividades, no presente.

O tempo presente para Sócrates era formado por sua rotina diária de longas caminhadas pela cidade, vestido com sua túnica simples e descalço, buscava o diálogo com quem quer que fosse. No diálogo com o outro, Sócrates alimentava seu método para “fazer nascer” o conhecimento em prol do Bem comum.

O método de Sócrates usado para “fazer nascer” o conhecimento, era a própria virtude cívica, visto que avivava o espaço público com debate guiado pela preocupação com a boa vida, com a felicidade. De acordo com Silva (2007, p.20-21), Sócrates “por acreditar na virtude cívica, dedicou toda a sua vida a tentar encontrar os meios de renová-la e fortalecê-la [...] a busca socrática do fundamento da virtude cívica teve como finalidade realizar, de forma coerente e harmoniosa, a relação entre felicidade individual e coletiva”.

O oposto da virtude cívica estava na prática dos sofistas. Principais interlocutores de Sócrates ganharam influência no contexto do declínio da democracia grega e relativizaram diversos conceitos, inclusive o de felicidade.

Com a decadência da democracia grega, a retórica dos sofistas ganha espaço e a ideia de felicidade passa a ser relativizada. O enfraquecimento da participação na esfera pública faz

com que o ideal de bem coletivo seja suprimido pela noção de ambição individual. Nesse contexto, a felicidade se desloca para a noção individual e cada um pode ter sua própria medida de felicidade, como aparece na lógica de Protágoras segundo a qual “o homem é a medida de todas as coisas”. Quer saber qual o tempo da felicidade? Para os sofistas o tempo da felicidade pode ser qualquer um, basta sustentar o argumento, sem a preocupação com a Verdade. Essa espécie de vulgarização do conhecimento promovido pelos sofistas induz Platão, principal discípulo de Sócrates, a projetar a felicidade para um outro tempo e lugar: para o futuro e para o mundo inteligível.

### **A felicidade dos discípulos de Sócrates: entre o presente e o futuro**

Sócrates firmou a felicidade no presente, por meio da virtude cívica, Platão projetou a felicidade para um outro plano que só poderia ser alcançado no futuro. A preocupação de Platão estava em encontrar a condição absoluta do conhecimento essencial da Verdade, do Bem e da Beleza, por isso o mundo que condenou à morte o homem que mais se preocupou com a Verdade não poderia oferecer essa resposta.

O tempo presente, o aqui e agora, era denominado por Platão como plano do “sensível” o qual era comandado pelo corpo e pelos sentidos e, por isso, era essencialmente o lugar dos enganos, das distorções. A verdade estava no futuro e na transcendência do corpo em direção ao plano das Ideias o qual Platão definiu como “inteligível”.

A felicidade experienciada no tempo presente seria mera enganação dos sentidos, por isso a verdadeira felicidade só poderia existir fora do aprisionamento do corpo, no plano das Ideias, ou seja, no plano inteligível.

Embora entendesse que a felicidade não estava no tempo presente, Platão não se distanciava das ideias de Sócrates, visto que estabelecia o método socrático (dialética) como o meio de atingir o plano inteligível, para ele “é o cultivo da alma, pela dialética, que pode tornar alguém feliz, pelo reconhecimento de que o mundo das ideias é a pátria da alma e que o mundo sensível seu exílio, que o corpo é a prisão o espírito”(Silva, 2007, p.26).

A dialética como caminho para a felicidade é instrumento dos sábios que, inclusive, são os únicos capazes de se aproximar da felicidade mesmo estando no tempo presente. É importante observar que os sábios podem se aproximar da felicidade, mas não viver sua plenitude, visto que ainda estão presos no mundo sensível. Com isso, Platão (? Ano, p.26) desenha um caminho para a felicidade a partir do tempo presente “a ascese individual, a educação, a organização política da cidade estarão voltadas para essa finalidade, que poderá DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X| 2022 | V. XIV | N. 14 | A ciência explica a felicidade: ser feliz é uma escolha?. Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO.

num certo sentido ser antecipada, se o homem souber criar as condições para uma vida individual equilibrada, cultivando a virtude, que é a justa proporção entre a razão e as paixões, e se instituir uma cidade justa, em que a harmonia social e política corresponda a harmonia da alma”.

A possibilidade da felicidade plena, somente em outro plano, desagrade a Aristóteles, o qual “traz a felicidade para perto” ao se opor a ideia de desvalorização do sensível e da transcendência de Platão. De acordo com Aristóteles o sensível e o inteligível não são desconexos, mas complementares, e por isso, as sensações, as disposições inatas e tudo que se aprende no plano sensível deve ser usado como apoio para a busca do conhecimento. Contudo, adverte sobre a necessidade da ponderação, do discernimento, já que o discernimento permite ajustar a prática da virtude ao que Aristóteles (ano, p.29) denomina “justo meio, o grau razoável do exercício de uma virtude. Isso é necessário porque, qualquer que seja a virtude, o excesso pode transformá-la em vício”.

Somente esse modo de viver balizado pelo justo meio pode levar os indivíduos a realizar a sua condição humana que é essencialmente política. Explico melhor. Para Aristóteles o homem é um animal político, o que significa dizer que ele somente realiza sua identidade quando está em sociedade, dialogando e cultivando a razão em prol do bem comum, e é nesse exercício que ele vive a felicidade, pois “viver em conformidade com aquilo que o identifica é, para o homem, realizar a excelência, a *aretê* como aquilo que cumpre a cada um ser. E a felicidade consiste em viver de modo a manifestar essa excelência” (Silva, 2007.p.30).

Até o momento, identificamos que para Sócrates e Aristóteles, a felicidade acontece no tempo presente. Para Sócrates ela está na virtude cívica, e para Aristóteles, no exercício da condição humana, que é a política. Platão, por outro lado, nos diz que a felicidade está no futuro, em outro plano, mas se você deseja chegar lá é preciso fazer da dialética uma prática constante.

De acordo com nossa interpretação, embora esses filósofos divirjam moderadamente sobre o tempo da felicidade, é importante mencionar que eles identificaram dois critérios fundamentais para a existência da felicidade: diálogo e espaço público. Se tem diálogo e cidade, tem felicidade. Contudo, esses elementos essenciais para a felicidade perdem sua vivacidade com o enfraquecimento das cidades-estados gregas, e conseqüentemente, da democracia.

## Hedonistas, Epicuristas e Estoicos: o prazer do presente



O período conhecido como helenístico é marcado pela mudança de uma série de paradigmas, inclusive sobre o conceito de felicidade. Se antes, o diálogo na cidade, em prol do bem comum, elevou o súdito à categoria de cidadão e gerou a felicidade, agora, no período helenístico, surge uma ideia moral de liberdade que será responsável pela separação entre ética e política. Nesse novo contexto, o cidadão será rebaixado à categoria de súdito e a felicidade será tema da vida privada.

Uma das correntes de pensamento que se destaca nesse momento, o qual marca a transição da filosofia clássica para a filosofia helenística, é o hedonismo. Aristipo de Cirene será o responsável por formular uma interpretação que confunde felicidade e prazer. Para ele, a felicidade é uma busca individual e consiste em toda ação que produza prazer, mesmo que seja um prazer efêmero.

A concepção hedonista de felicidade vai ser contraposta por duas correntes de pensamento: o epicurismo e o estoicismo. Essa contraposição de ideias terá, fundamentalmente como base, a relação entre o prazer e o tempo da felicidade.

Se para os hedonistas a felicidade está em qualquer tipo de prazer sentido no tempo presente, para os estoicos e epicuristas o prazer que se traduz em felicidade não pode ser efêmero, ao contrário, ele deve ser ponderado pela razão e pela virtude.

De acordo com os estoicos e epicuristas, todas as pessoas procuram o prazer como fonte de felicidade e é bom que façam isso, pois ninguém quer viver com a dor ou com a escassez. Mas é importante entender que esses prazeres devem ser ponderados pela razão e pela virtude evitando que algo que é dado como prazeroso no presente se torne um motivo de infelicidade no futuro. À essa felicidade, que é fruto de um prazer ponderado pela razão e pela virtude, os estoicos dão o nome de “felicidade autêntica”.

### **O cristianismo: a felicidade no futuro como causa e consequência**

A partir do advento do Cristianismo, a felicidade passa a ser pautada pela busca do “Bem supremo”, por meio da moral da salvação. Nesse contexto, a felicidade é retirada do tempo presente e passa a ser localizada no futuro e em outra dimensão.

O cristianismo construiu uma representação da felicidade no devir como uma espécie de promessa após uma vida de resiliência a todo tipo de sofrimento e injustiça. Desse modo, a felicidade só é possível enquanto recompensa individual que é dada no futuro, após uma vida de obediência aos dogmas e recusa ao pecado.



A Patrística, a Escolástica e a Reforma protestante darão contribuições essenciais sobre a definição de felicidade, os modos de obtê-la e seu tempo. Para efeito desse trabalho, nos interessa esse último tema.

De acordo com a Patrística, que é o nome dado à doutrina católica que se estabelece com a contribuição de Agostinho de Hipona (354-430 d.C), a felicidade está no mesmo tempo que foi apresentado por Platão na “teoria das ideias”.

Nesse caso, a felicidade está localizada no tempo futuro e em um plano diferente deste em que vivemos. Agostinho de Hipona inclusive, escreve uma obra dedicada ao que ele denomina como “Cidade de Deus”. Um plano superior a esse em que vivemos, cuja característica fundamental é a felicidade plena.

Contudo, aqueles que desejassem alcançar felicidade plena localizada no plano superior, deveriam ter algo a mais do que a busca pela razão e uma vida virtuosa, como havia sido elaborado por Platão, quem desejasse alcançar a felicidade plena na Cidade de Deus descrita por Agostinho de Hipona, deveria ter (também) fé<sup>1</sup>.

Seguindo o percurso teórico inaugurado pela Patrística, surge a Escolástica, a qual tem como principal teórico Tomás de Aquino (1225-1274). De acordo com essa doutrina, diante da condição humana que se caracteriza pela finitude da vida, é impossível experimentar a felicidade no tempo presente. Neste plano físico e no tempo presente, experimentamos apenas uma aproximação da felicidade que é a “felicidade parcial”.

A felicidade completa é denominada por Tomás de Aquino como a “felicidade perfeita” e só é realizada no futuro, depois de uma vida dedicada à beatitude e agraciada pela iluminação divina promovida pela fé.

Uma nova interpretação da doutrina cristã surge com a Reforma Protestante, e o sociólogo Max Weber (2001) analisou as transformações sociais trazidas por essa mudança em seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. No bojo dessas transformações sociais que surgiram a partir da reformulação da relação do homem com a sua fé, é possível identificarmos um novo tempo da felicidade.

Os protestantes, assim como os católicos, identificam que o tempo da felicidade é o futuro, porém, existe uma diferença crucial na relação com o tempo presente que determinará uma nova dinâmica sobre a questão da felicidade.

---

<sup>1</sup> Uma discussão sobre o conceito de fé, nesse momento, seria muito interessante, porém vamos nos manter firmes a proposta desse texto que é identificar o tempo da felicidade em diferentes perspectivas.

Como foi dito anteriormente, de acordo com a escolástica, a felicidade só é possível no futuro e depois de uma vida em prol da beatitude e iluminada pela fé, o que significa dizer uma vida sem pecados. Contudo, a doutrina católica também é composta pela possibilidade da piedade e do perdão. Deste modo, mesmo que o indivíduo peque, é possível que esse pecado seja perdoado e apagado de sua vida, franqueando ao (ex)pecador a possibilidade da felicidade no futuro no plano superior.

Na doutrina protestante o pecado é uma marca eterna. Um erro cometido pode comprometer o acesso à felicidade, a qual, assim como para os católicos, está no futuro e em um plano superior. Diante dessa impossibilidade de apagamento do pecado, os protestantes devem ter uma vida de vigilância constante, a qual Weber (2001) denominou de “ascese cristã”.

O indivíduo protestante tem um presente extremamente árduo e comedido, para, talvez, no futuro, devido seu merecimento, ter acesso à felicidade no plano de Deus. É uma vida marcada pela incerteza da felicidade no futuro. Contudo, existe uma forma do indivíduo saber se está no caminho da felicidade.

De acordo com a doutrina protestante, existe um “sinal” dado por Deus que indica que o indivíduo está no caminho certo, ou seja, no caminho da felicidade. Esse “sinal” é a prosperidade econômica. Quanto mais ele prospera economicamente e se mantém firme no comportamento ascético no presente, mais certa será sua felicidade no futuro.

Essa conduta religiosa do protestantismo, marcada por uma forte moral ascética no presente, à espera da felicidade no futuro, em outro plano, mudou inclusive o paradigma da felicidade, visto que, na perspectiva de Weber (2001), conjugaram elementos fundamentais para o desenvolvimento do capitalismo.

A expressão da lógica capitalista observada por Max Weber (2001), por meio da emergência histórica da racionalidade burocrática e da racionalidade científica, identificada por esse autor como o “desencantamento do mundo”, é mais um contexto de mudança da perspectiva de tempo da felicidade.

## **O desencantamento do mundo: a felicidade para presente**

O desencantamento do mundo potencializa a autonomia do indivíduo e o coloca no centro da tomada de decisões, afastando a perspectiva religiosa de necessidade de uma relação com Deus para o alcance da felicidade. A partir desse momento, a felicidade passa a ser possível essencialmente no presente, visto que ela é de responsabilidade e consequência da força de vontade do próprio indivíduo.

Nesse contexto, surge uma perspectiva de felicidade menos substancial e mais material e mensurável.

O Iluminismo foi o mais importante movimento filosófico e social da Europa do século XVIII, por ser o responsável pela mudança ontológica necessária para resgatar, ou “trazer à luz” a noção de felicidade que havia sido deixada na Antiguidade Clássica. A partir desse momento, os indivíduos voltam a entender a felicidade como uma conquista do tempo presente e passam a proclamar a felicidade como um direito obtido por meio de muitas lutas e conquistas.

Na atualidade, observa-se que o modelo neoliberal de Estado transformou a ideia de felicidade em algo absolutamente mensurável, acumulável e acrescentou um aspecto, que podemos entender como o mais emblemático, que é a “obrigação” da exibição dos símbolos de consumo como modo de comprovação e de qualificação da felicidade.

Essa “obrigação” de exibição da felicidade no tempo presente é analisada pelo filósofo Byung-Chul Han (2014) com seu livro “Sociedade da transparência”. Usando os conceitos de Iluminismo e de transparência ele analisa as mudanças sociais e suas consequências.

De acordo com Chul Han (2014), o Iluminismo pode ser definido como “uma luz histórica” que se opôs às sombras da ignorância, e por isso, teve a capacidade de gerar um movimento de transcendência. Contudo, atualmente vivemos uma distorção do Iluminismo, um movimento que não ilumina com a verdade, por ser uma espécie de “radiação opaca” que não esclarece, não promove a transcendência, apenas torna tudo transparente, sem oposição, sem conflito e liso.

Os ambientes transparentes criados por essa “radiação opaca” são positivos, o que significa dizer que são homogêneos e de fácil aderência. Um ambiente positivo é propício para ser reproduzido em série e comercializado, ou seja, são ideais para o sistema capitalista. Mas o que isso tem a ver com o tempo da felicidade?

Diante das construções, das reproduções e dos apelos produzidos pela “radiação opaca” é construída a “sociedade da transparência”. Essa sociedade tem como característica fundamental a necessidade da exibição constante da felicidade materializada em objetos de consumo, e com isso, podemos identificar uma mudança importante do tempo da felicidade: o instantâneo, o “ao vivo”, a “live”.

As redes sociais são as plataformas ideais para a dinâmica da sociedade da transparência, visto que proporcionam a exposição da felicidade na velocidade de um “deslizar dedos”, “ao vivo” ou por meio das “lives”.

Ao passar o dedo indicador pela tela do celular, fazendo correr os *feeds* das redes sociais, o indivíduo consegue visualizar centenas de fotos repletas de felicidade. São cenários de viagens, festas, “recebidos”, comidas e *selfies* com filtros e ângulos que padronizam e tornam lisos e homogêneos objetos, rostos, pratos, corpos e paisagens.

Todos querem ter e exibir as insígnias da felicidade: objetos de consumo, maquiagens, aparelhos eletrônicos, jogos, viagens, comidas, corpos, rotinas, *likes*. Tudo é exibido imediatamente como uma prova de que a vida está sendo bem vivida a cada momento. Contudo, Chul Han (2014) aponta que esse modo de vida da sociedade da transparência gera cansaço.

O cansaço ocorre porque, para postar nas redes sociais, o indivíduo deve produzir um conteúdo que sirva ao “capital da atenção” e isso demanda um esforço que o coloca fora de sua realidade na essência. Essa busca constante por ser alguém que esteja de acordo com toda positividade exigida pelas redes sociais, impõe o surgimento de um novo tipo de sujeito: o “sujeito de desempenho”.

O “sujeito do desempenho” é um indivíduo que precisa superexpor uma vida baseada na positividade, a qual produz e reproduz esse sistema por meio de lemas ou *hashtags* com palavras de ordem: “motivação”, “iniciativa”, “eficiência”.

### **Finalmente a resposta da pergunta. Será?**

Analisando e seguindo a linha do recorte teórico que foi feito nesse trabalho, reforçamos a questão sobre o tempo da felicidade e indagamos se esse cansaço, que é uma consequência da sociedade da transparência, será o responsável por mais uma mudança no tempo da felicidade.

Será que diante do cansaço nos apoiaremos na ideia de que o tempo da felicidade era no passado quando vivíamos uma vida mais “analógica”? Diremos que a felicidade estava nas brincadeiras na rua e não nos jogos eletrônicos, que vida boa era aquela sem WhatsApp e fora dos *stories*? Ou será que diante do cansaço diremos que a felicidade está no futuro com os avanços tecnológicos, das inovações, das descobertas científicas, que nos ajudarão a viver mais e melhor? Afinal, qual o tempo da felicidade?

### **Referências Bibliográficas.**

CHUL HAN, Byung. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Felicidade**: Dos filósofos pré-socráticos aos contemporâneos. São Paulo: Editora Caridade, 2007.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

WHITE, Nicholas. **Breve história da felicidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.